

Infâncias e culturas infantis: um convite ao/à leitor/a

Dinah Quesada Beck¹
Jane Felipe²

É com imensa satisfação que apresentamos o Dossiê Infâncias e Culturas Infantis. Nossa proposta foi reunir textos e análises oriundos de pesquisas de diversas localidades de nosso país que deem visibilidade às infâncias e suas interfaces com as produções culturais e sociais da contemporaneidade. Os/as autores/as, ao investigar a constituição histórica da infância como categoria *inventada* na Modernidade e ao olhar atentamente para os processos culturais que cotidianamente *produzem* essa infância, muito nos ajudam a compreender o tempo presente.

Nesse sentido o presente dossiê se nutre de artigos que se convertem em potentes ferramentas analíticas e metodológicas inseridos em diferentes perspectivas teóricas e que se propõem em investigar as infâncias vivenciadas de modos múltiplos e muito variados em nosso contexto atual. Para além de simples instrumentos pedagógicos e de inspiração profissional, o que por si já seria (e é) de imensa riqueza e contribuição, os artigos aqui apresentados, resultado de múltiplas pesquisas empreendidas, encontram-se comprometidos com os sujeitos aos quais remetem suas análises: as crianças.

O termo 'infâncias' ao longo das narrativas apresentadas nos textos do dossiê é cunhado no plural por compreendê-las como diversas, transitórias, multifacetadas. As infâncias, constituídas na história e na cultura, engendradas no espectro social com diversas inscrições: étnicas e raciais, de classe, de gênero, de geração, entre outras, nos mobilizam, professores/as, familiares, pesquisadores/as, a estudá-las com o intuito de com elas poder produzir outras inteligibilidades, menos ingênuas, quiçá, mais provocativas. Infâncias que nos

¹ Professora pesquisadora de graduação e pós-graduação do Instituto de Educação da FURG. Integrante do GESE/FURG e do GEERGE/UFRGS. E-mail: dinahgbeck@gmail.com

² Professora pesquisadora de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da UFRGS. Integrante do GEERGE e do GEIN, ambos da UFRGS. E-mail: janelife.souza@gmail.com

escampam, que se mostram fabricadas e reguladas pelos desígnios do consumo, da moda, da publicidade, dos filmes infantis, dos livros ... Que são experimentadas em diversos contextos, atravessadas por pedagogias que a educam, prescrevem identidades, nomeiam práticas, sugerem governamentos.

Dessa forma é possível perceber que aqui não se trata de desvelar o universo da infância, de descobri-la, de capturá-la, ou ainda, de desnudá-la, buscando o encontro de sua essência, de seu começo, de sua verdade mais eminente. Muito pelo contrário.

Este documento agrega debates importantes sobre pesquisas e estudos com crianças e defende o caráter heterogêneo de construção das infâncias. Cada um de seus artigos responsabiliza-se pelo olhar intensificado sobre as infâncias e busca problematizar suas especificidades, estando atentos para as características de nossa sociedade e nosso tempo, distanciando-se de uma interpretação universal e homogênea que nos levaria a uma ação reducionista de categorização das crianças, suas culturas, suas infâncias. Os debates aqui propostos também buscam ampliar nossos olhares e nossas reflexões sobre as produções culturais, históricas e sociais destinadas às infâncias, o que nos auxilia a, novamente, nos distanciarmos de interpretações que remetem à uma infância pura, ingênua, frágil e inocente.

As autoras e os autores, de modo genial e muito eficaz, em suas narrativas, nos levam a compreender, ainda que provisoriamente, como determinadas redes de poder/saber se espalham, constroem e exercitam diferentes modos de ser criança e viver as infâncias na atualidade.

Com este intuito, o presente dossiê encontra-se organizado em quatro partes. Cada uma delas busca discutir e problematizar peculiaridades das Infâncias e suas Culturas Infantis. A primeira parte intitulada “Crianças, Infâncias e Contemporaneidade” é composta por textos que discutem posicionamentos e deslocamentos centrais que nos ajudam a compreender as infâncias de hoje e de outros tempos, bem como seus atravessamentos históricos, culturais e sociais através dos recortes pontuados pelas autoras. O artigo de Mariangela Momo — *As crianças de hoje não são mais como antigamente! Implicações culturais do mundo contemporâneo para os modos de ser criança e de viver a infância* — discute como algumas das configurações culturais contemporâneas têm (con)formado determinados modos de ser criança e de viver certo tipo de infância que a autora nomeia de pós-moderna. O artigo de Joice Araújo Esperança — *Que tempo é esse? Que*

infância é essa? A reinvenção dos modos de ser criança na sociedade de consumidores — aborda os entendimentos e as experiências de infância como construções sujeitas às mudanças que caracterizam as sociedades, apresentando reflexões sobre o abalo da noção moderna de infância, discorrendo sobre algumas condições que reconfiguram os modos de ser, viver e aprender das crianças, redimensionando suas relações com os adultos.

A segunda parte deste dossiê e que recebe o título “A Pesquisa com Crianças e sobre as Infâncias” apresenta quatro textos. Neles é possível analisar a fecundidade da pesquisa em educação e o modo como ela se ocupa em dar ‘voz e vez’ aos sentidos da cultura infantil. O artigo de Constantina Xavier Filha — “*Ver e ‘desver’ o mundo em pesquisas com crianças*” — discute sobre a profusão de estudos que passaram a pensar as crianças como sujeitos sociais, culturais e de direito. Nesse sentido, segundo a autora, sua voz começa a ser ouvida e significada de outras formas. Por isso, seu artigo reflete sobre as mais recentes investigações sobre crianças, realizadas em *pesquisas participantes*. Já o artigo de Carmen Galet — *El juego como aprendizagem social de género en la infancia* — procura discutir a forma como a família e a escola, enquanto importantes agentes sociais, contribuem para a construção identitária de gênero desde a infância.

No artigo de Camila Bettim Borges e Susana Rangel Vieira da Cunha — “*E se eu juntar este com aquele?!*” *A pesquisa com crianças e os encontros com a arte contemporânea* — as autoras destacam a potência existente no encontro entre as crianças e a arte contemporânea, principalmente no que se refere à proximidade e receptividade dos pequenos com as possibilidades que a arte convida. E fechando esta sessão, o artigo de Roberto Sanches Mubarrac Sobrinho — *Ser criança indígena: vozes que ecoam suas culturas da infância* — discute a situação das crianças indígenas “urbanas” e suas relações com as escolas nas quais estudam de uma comunidade indígena da cidade de Manaus, considerando, que educação e cultura, para esse grupo social de crianças, ainda representa um problema que se assenta entre a tradição e a reprodução ideológica, onde se evidencia fortemente um espaço de fronteiras.

Já a terceira parte do dossiê recebe o título “Artefatos Culturais e as Produções Contemporâneas da Infância”. Esta sessão responsabiliza-se por promover uma discussão sobre as diversas instâncias culturais e educativas que tem colocado a infância numa condição de receptora de uma espécie de produção midiática a ela direcionada. Luis Paulo de Carvalho Piassé e Caynã de Camargo Santos refletem em seu artigo — *O vilão desviante: Uma leitura*

sociocultural pela perspectiva de gênero de Scar em O Rei Leão — sobre como os filmes de animação longa metragem veiculam discursos ideológicos que atribuem teor de negatividade a identidades de gênero que não se conformam às regras impostas, reiterando assim a heteronormatividade. Nessa mesma linha, o artigo de Brisa Evangelista de Queiroz e Maria Luiza Rodrigues Souza — *Um estudo antropológico com crianças e adolescentes a partir de uma análise dos processos de recepção fílmica do filme Tomboy* — ocupa-se de refletir sobre as infâncias e suas dinâmicas em termos de sexualidade e gênero tomando o cinema como vetor das discussões Já o artigo de Dinah Quesada Beck e Jane Felipe — *Gênero e Uniformes Escolares: a produção de corpos espetáculo na infância* — apresenta o modo como artefatos culturais da escola sugerem investimentos estéticos e corporais às crianças. Neste caso específico, investiga-se os uniformes escolares utilizados por meninas de uma escola da rede privada de Porto Alegre.

Por fim a quarta parte, intitulada “Discursos Produtores de Infâncias Culturais” nos traz uma importante contribuição com seus dois artigos sobre os discursos, muitas vezes universais e totalizantes, em que as crianças e suas infâncias se encontram sendo concebidas. No artigo de Cláudia Maria Ribeiro e Carolina Faria Alvarenga — *“Tranca a porta! Não deixa elas saírem” – um contexto para emergir as expressões das crianças sobre gênero e sexualidade* — encontramos discussões importantes sobre como tais discursos interpelam as próprias crianças no que diz respeito às suas produções de gênero e de sexualidade. O artigo de Cláudia Amaral dos Santos Lamprecht — *Conselhos às mães: manuais de puericultura como estratégia biopolítica na constituição de infâncias saudáveis e normais* — articula suas considerações olhando para os discursos produzidos nos livros direcionados à família e o quanto os mesmos desempenham uma função pedagógica, produzindo subjetividades, identidades e saberes, em especial a à figura materna.

Acreditamos, com os textos aqui reunidos neste dossiê, proporcionar importantes leituras e interpretações sobre as infâncias e as crianças e as produções culturais a elas contemporaneamente direcionadas. Esta obra se converte num convite ao/à leitor/a, para que o/a mesmo/a se permita pensar de outros modos, que coloque suas verdades em xeque e não hesite em interrogá-las.

Uma boa leitura!